



## O AFETO COMO PRÁTICA POLÍTICA: ENTRE A DESUMANIZAÇÃO E A RESISTÊNCIA

**ESTEVES, Gracy Lorryayne Abrantes<sup>1</sup>**  
**BARCELLOS, Jovana Aparecida Locatelli<sup>2</sup>**

### Resumo

Há fenômenos não considerados política, mas que são essenciais para a vida, a afetividade é um exemplo, pois é uma dimensão fundamental do desenvolvimento humano. Com base em pesquisas bibliográficas e como propõe bell hooks o afeto é uma prática política porque reconhecer e cuidar do outro é um ato de resistência em uma sociedade que desumaniza pessoas. Demonstrar afeto rompe com a lógica que nega dignidade a certos corpos e afirma o valor da vida. Se o afeto é o que nos constitui como sujeitos, a ausência dele não pode ser considerada um déficit e sim, uma privação socialmente produzida, por fatores que envolvem raça, classe e gênero. Nas periferias, essa privação se conecta à necropolítica: não apenas a gestão da morte, mas o quanto o Estado se coloca ou se retira na manutenção de corpos em vulnerabilidade social. Negar afeto é negar humanidade. A classe social aparece como eixo estruturante: populações pobres são tratadas como força de trabalho, e o gênero complexifica esse cenário. Meninas recebem algum espaço para o cuidado, enquanto meninos, sobretudo os negros, são empurrados para a dureza, lidos como indisciplinados e perigosos. A raça, por sua vez, radicaliza a exclusão: homens negros periféricos são desumanizados como ameaça, enquanto mulheres negras, acabam responsabilizadas pelo sustento afetivo das comunidades. Como aparece no livro Quarto de Despejo, escrito por Carolina Maria de Jesus, o título carrega uma metáfora potente: o “quarto de despejo” é o espaço onde se descartam coisas que não servem mais, mas que permanecem guardadas à espera de um possível uso. Na obra, as favelas são representadas como esses quartos de despejo, lugares onde o Estado despeja corpos desumanizados, tornando-os símbolo da exclusão social e racial. A lógica das favelas reflete o sucateamento das políticas públicas e dos serviços essenciais, o mesmo que se observa em instituições como universidades e no próprio SUS, espaços que sofrem com o abandono estatal. Esse mesmo processo se repete com as populações negras e periféricas, constantemente empurradas para as margens, pois o pensamento crítico e a consciência política são vistos como ameaça à manutenção do sistema. A partir daí, a contracolonialidade de Nêgo Bispo aponta caminhos para romper com essa lógica, defendendo práticas de vida que não reproduzam os padrões coloniais e capitalistas. Se não há desenvolvimento humano sem afetividade, é denunciado que o capitalismo produz sujeitos privados dessa condição básica, sobretudo entre aqueles marcados pela racialização. Assim, o afeto não pode ser compreendido apenas como algo essencial da vida, mas como uma questão de classe. Falar em afeto para populações periféricas é, na verdade, falar sobre uma política que luta para desumanizar corpos negros. A estrutura colonial-capitalista reduz esses corpos ao que podem oferecer em termos de força de trabalho e lhes retira o afeto porque

<sup>1</sup> Graduando(a) do curso de Psicologia do Centro Universitário Vale do Cricaré. E-mail: gracyestvz@gmail.com

<sup>2</sup> Graduando(a) do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES). Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: jovana.barcellos@edu.ufes.br





reconhecê-los como sujeitos afetivos seria reconhecer o direito à dignidade e à humanidade. Nesse sentido, resgatar o afeto nesses espaços é um gesto contracolonial: afirmar a vida, reconstruir vínculos e criar outras formas de existir para além da lógica da morte.

**Palavras-chave:** Afetividade. Desumanização. Contracolonialidade.

.

